

REVISTA DA
**ACADEMIA
BRASILEIRA
DE FILOGIA**



Volume XXXVI

2026

REVISTA DA
**ACADEMIA BRASILEIRA
DE FILOGIA**

Volume XXXVI - 2026

e-ISSN: 2763-7301 | ISSN: 1676-1545

EQUIPE EDITORIAL

Editor

Amós Coêlho da Silva

Assessoria Técnica

Danilo Villela

CONSELHO EDITORIAL

•Afrânio da Silva Garcia (UERJ / ABRAFIL)	•Francisco da Cunha e Silva Filho (UFRJ / ABRAFIL)
•Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ / ABRAFIL)	•Hilma Pereira Ranauro (UFF / ABRAFIL)
•Carlos Eduardo Falcão Uchôa (UFF / ABRAFIL)	•Luíz César Saraiva Feijó (UERJ / ABRAFIL)
•Castelar de Carvalho (ABRAFIL / LICEU LITERÁRIO)	•Luiza Leite Bruno Lobo (UFRJ / ABRAFIL)
•Ceila Maria Ferreira Batista (UFF / ABRAFIL)	•Manoel Pinto Ribeiro (UERJ / ABRAFIL)
•Claudio Cezar Henriques (UERJ / ABRAFIL)	•Marina Machado Rodrigues (UERJ / ABRAFIL)
•Domicio Proença Filho (UFF / ABRAFIL)	•Mauro de Salles Villar (ABRAFIL)
•Dulcileide Virgínio do Nascimento Braga (UERJ / ABRAFIL)	•Maximiano de Carvalho e Silva (UFF / ABRAFIL)
•Edila Vianna da Silva (UFF / ABRAFIL)	•Miriam Therezinha da M. Machado (UFF / ABRAFIL)
•Evanildo Bechara (ABRAFIL / ABL / LICEU LITERÁRIO)	•Nilda Santos Cabral (UFF / ABRAFIL)
•Fernanda Lemos de Lima (UERJ / ABRAFIL)	•Paulo César Costa da Rosa (UERJ / ABRAFIL)
•Fernando Ozório Rodrigues (UFF / ABRAFIL)	•Ricardo S. Cavaliere (UFF/ABRAFIL/L. LITERÁRIO)
•Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ / ABRAFIL)	•Terezinha M. da F. P. Bittencourt (UFF / ABRAFIL)

Apoio editorial

Academia Brasileira de Filologia

Diretoria

Academia Brasileira de Filologia

Triênio: maio de 2024 a maio de 2027

Presidente

Amós Coêlho da Silva

Vice-presidente

Deonísio da Silva

Primeiro Secretário

Pedro Ivo Zaccur Leal

Segundo Secretário

Luiz Fernando Dias Pita

Tesoureiro

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro

Relações públicas

Professor Doutor Afrânio da Silva Garcia

Bibliotecário

Professora Doutora Arlete José Mota

Presidentes de Honra da ABRAFIL



Professores Evanildo Bechara e Leodegário A. de Azevedo Filho

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
ZACARIAS OLIVEIRA NERI E MARIA ANGÉLICA FREIRE DE CARVALHO - INTERTEXTUALIDADE ALGORÍTMICA EM TEXTOS DISSERTATIVO - ARGUMENTATIVOS GERADOS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: UMA INVESTIGAÇÃO NO CHATBOT CHATGPT	8
BRUNO AGUINALDO FEITOSA - THOR EM DISCURSO: IDEOLOGIA, GUERRA FRIA E A PRODUÇÃO DO SUJEITO HERÓICO	39
DANIEL ABRÃO E NATANIEL DOS SANTOS GOMES - A JORNADA DO HERÓI TRÁGICO: APROXIMAÇÕES ENTRE ULISSES NA “ODISSEIA” E O LANTERNA VERDE ABIN SUR EM “TIGRES”	62
IGOR BIAGIONI RODRIGUES - SOMBRAS E SIGNOS: UMA ANÁLISE DO NOIR E SEUS SIGNIFICADOS EM “BATMAN A SÉRIE ANIMADA” POR MEIO DO EPISÓDIO “UMA BALA PARA BULLOCK”	79
IURI BIAGIONI RODRIGUES - RELIGIÃO E CULTURA E POP: UMA ANÁLISE DO FANATISMO CRISTÃO E DO TELEVANGELISMO EM X-MEN: DEUS AMA, O HOMEM MATA, DE CHRIS CLAREMONT E BRENT ANDERSON	97
LUCIENE CRISTINA PAREDES MÜLLER - UM CASAMENTO NO ARRABALDE: PSEUDO LITERATURA	123
TATIANA KELLER - AS RUAS DO BAIRRO CENTRO DA CIDADE DE SANTA MARIA/RS: HISTÓRIA, LÍNGUA E MEMÓRIA	138

PAULO VICTOR PIRES DA SILVA - A ANGÚSTIA DA LIBERDADE E A CRISE DA FIGURA PATERNA: EXISTENCIALISMO E HEROÍSMO TRÁGICO EM NEON GENESIS EVANGELION E HUNTER X HUNTER	162
CELITA APARECIDA DAMASCENO RITTER - “TRANSCULTURACIÓN NARRATIVA EN AMÉRICA LATINA” E “CIDADE DAS LETRAS” DE ANGEL RAMA – TENSÕES E CONTRADIÇÕES COMO FORÇA CRIADORA	178
FERNANDA LUIS NUNES DE MATTOS - O RELÓGIO”: A SÉRIE DENTRO DA SÉRIE EM SERIAL	190
NATANIA APARECIDA DA SILVA NOGUEIRA E FABIANA DE PONTES RUBIRA - O PRESENTE REINVENTANDO O PASSADO EM BUSCA DE NOVOS DEVIRES: UM LEITURA COMPARADA DAS SÉRIES DRAMÁTICAS COREANAS MR. QUEEN E HAE-RYUNG, A HISTORIADORA	204
SARAH MARTINS BAPTISTA DA SILVA - LAVÍNIA ENTRE TEXTOS E LÂMINAS: A CULTURA CLÁSSICA COMO LEGITIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM TITUS ANDRONICUS (1591-2)	227
SOBRE AUTORES	239
RESENHAS:	
MARCELO MORAES CAETANO... RESENHA DO LIVRO JOÃO UCHÔA CAVALCANTI NETTO: UM PERFIL DO FUNDADOR DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, DE DEONÍSIO DA SILVA	247
NATANIEL DOS SANTOS COMES... OCTAUIUS DE MARCO MINÚCIO FÉLIX	250
HOMENAGEM - SAUDAÇÃO A JOÃO MALACA CASTELEIRO E A SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO	257

EDITORIAL

A Academia Brasileira de Filologia homenageia João Malaca Casteleiro, que representou a Academia das Ciências de Lisboa no Encontro sobre a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa (1986), realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro; também é homenageado o Professor Sebastião Tavares de Pinho, da Universidade de Coimbra. Ele participou, no Rio de Janeiro: na UERJ, UFRJ E UFF, da I JORNADA INTERNACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA em 23, 24 e 25 de outubro de 2017.

Neste número, temos o tema da intertextualidade, com a Profa. Dra. Maria Angélica e o pesquisador Zacarias Oliveira; a memória nos topônimos com Tatiana Keller; abordagem linguística sobre histórias em quadrinhos; questões de subjetividade, como o tema da paternidade, à luz do existencialismo de Jean-Paul Sartre, com o Prof. Paulo; as tensões e contradições em interação social, oriundas de transculturação de regiões díspares na pesquisa de Celita Aparecida; o tempo e o relógio em Fernanda; o heroísmo quixotesco com Sarah.

Publicamos aqui ainda as resenhas: a de Marcelo Moraes sobre a a brasilidade em interações sociais; a do prof. Dr. Nataniel sobre a tradução latina, de Luiz Fernando Dias Pita, de *Octavius* de Marco Minúcio Félix...

Rio de Janeiro, 06 de março de 2026.

Amós Coêlho da Silva

INTERTEXTUALIDADE ALGORÍTMICA EM TEXTOS DISSERTATIVO- ARGUMENTATIVOS GERADOS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: UMA INVESTIGAÇÃO NO *CHATBOT CHATGPT*

Zacarias Oliveira Neri
Maria Angélica Freire de Carvalho

RESUMO: O objetivo deste artigo é desenvolver o conceito de intertextualidade algorítmica no contexto dos estudos sobre intertextualidade, com base em textos dissertativo-argumentativos gerados pelo ChatGPT. Partimos da ideia de que a intertextualidade na escrita surge a partir de experiências sociais e culturais vivenciadas por humanos, compondo o repertório de cada indivíduo, que desperta a criatividade para a produção de textos, assim como deve acontecer na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – referência de texto dissertativo-argumentativo aprofundado neste estudo. Como fundamentação da pesquisa, consideramos as reflexões de Koch e Elias (2016), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Carvalho (2018), Neri (2026), Neri e Carvalho (2025), Silva (2025), Costa (2024) e Vicari *et al.* (2023). Quanto à metodologia, este artigo possui uma abordagem qualitativa, desenvolvida com base em testes realizados no ChatGPT, uma Inteligência Artificial Generativa, o que caracteriza o estudo também como documental (Paiva, 2019), resultado de uma pesquisa de mestrado. Como resultados, alcançamos a confirmação do conceito de intertextualidade algorítmica, visto que as respostas do ChatGPT contemplam apenas informações referentes aos dados nele armazenados, ou seja, as intertextualidades não surgem por meio de vivências socioculturais e, conseqüentemente, os algoritmos podem não gerar relações intertextuais específicas às solicitações feitas pelos usuários desse sistema de IA.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade algorítmica; Argumentação; Inteligência Artificial Generativa; ChatGPT.

ABSTRACT: The aim of this article is to develop the concept of *algorithmic intertextuality* within the context of intertextuality studies, based on argumentative essays generated by ChatGPT. We start from the premise that intertextuality in writing emerges from social and cultural experiences lived by human beings, forming each individual's repertoire, which fosters creativity in text production, as is expected in essays written for the National High School Examination (ENEM)—a reference for the argumentative essay genre further examined in this study. As the theoretical foundation of this research, we draw on the reflections of Koch and Elias (2016), Koch, Bentes, and Cavalcante (2007), Carvalho (2018), Neri (2026), Neri and Carvalho (2025), Silva (2025), Costa (2024), and Vicari et al. (2023).

Regarding methodology, this article adopts a qualitative approach, developed through tests conducted with ChatGPT, a Generative Artificial Intelligence system, which also characterizes the study as documentary (Paiva, 2019), resulting from a master's research project. The results confirm the concept of algorithmic intertextuality, since ChatGPT's responses encompass only information derived from the data on which it was trained; that is, intertextuality does not emerge from sociocultural experiences. Consequently, algorithms may fail to generate intertextual relations that are specific to the requests made by users of this AI system.

KEYWORDS: Algorithmic Intertextuality; Argumentation; Generative Artificial Intelligence; ChatGPT.

Introdução

A intertextualidade, em sua concepção básica, compreende uma relação de copresença entre dois ou mais textos, Ingedore Koch (2021 [2015], p. 143-144) argumenta que a intertextualidade pode ser classificada de duas formas: explícita ou implícita. “A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, bem como, em se tratando de situações de interação face a face [...]”. Em contrapartida, a intertextualidade será implícita quando há a introdução de um intertexto no texto-base, sem qualquer menção da fonte, com o objetivo de seguir uma orientação argumentativa, colocar tal intertexto em questão, ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário. Trata-se, pois, de uma estratégia comum ao processo comunicativo, reveladora de diálogos com

outros textos, conhecimentos; daí sua importância na avaliação de repertórios adquiridos, conforme competência exigida na produção de texto no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No contexto deste artigo, abordaremos o texto dissertativo-argumentativo a ser produzido pelo candidato, conforme solicitado no certame, texto que possui diferentes direcionamentos específicos para a sua produção. Os estudantes precisam escrever uma redação, de até 30 linhas, observando, dentre outros aspectos, o estilo exigido para avaliar o repertório sociocultural. Consideramos essas especificidades para fazer uma relação entre a redação do ENEM e textos gerados pelo ChatGPT.

Nesse sentido, na discussão teórica inicial citamos os estudos de Bakhtin (2003) quanto à estabilidade relativa dos gêneros. Desse modo, não queremos trabalhar com uma “estrutura” em análises de produções textuais de forma a transparecer um circuito fechado e isolado, sem possibilidade de alterações, inovações e singularidades no processo de criação. Na verdade, são essas diferenças que despertam a autoria nos textos.

Propomo-nos a considerar, antes de tudo, a visão de Jean-Michel Adam (2019) quando argumenta que o texto é uma realidade muito heterogênea para ser possível circunscrevê-la aos limites de uma definição restrita. Por isso, o autor busca fazer agrupamentos de características visando uma estrutura composicional, denominando esse processo como sequências textuais prototípicas. Adam (2019) usa o termo “protótipo” pelas diferentes possibilidades de se atingir um propósito vinculado à estrutura de um texto sem se prender a um percurso único.

Consideramos a redação do ENEM como gênero porque existe uma prototipicidade em questão dentro da sequência argumentativa (Adam, 2019), que vem da ideia de estabilidade relativa (Bakhtin, 2003). Nesse contexto, os alunos já possuem uma noção de o que é uma “redação do ENEM” e, conforme Cohen (2022), ao realizarem a prova, já pensam sobre “o quê”, “como” e “para quem” escrever, requisitos indispensáveis para definir um texto como gênero.

Essa configuração envolve não apenas a argumentação, mas, pela relação entre tese e provas, é pertinente incluir a intertextualidade como aspecto basilar das “provas” no contexto demonstrativo da argumentação, já que repertórios socioculturais são solicitados aos candidatos. Se provas precisam existir no texto, percebemos a importância das relações intertextuais na redação, que acontecem de modo distinto. Por essa diferença, o objetivo deste artigo é desenvolver o conceito de intertextualidade algorítmica no contexto dos estudos sobre intertextualidade, com base em textos dissertativo-

argumentativos gerados pelo ChatGPT.

Como objetivos específicos, seguiremos os seguintes passos: identificar relações intertextuais em uma redação do ENEM nota mil produzida por um estudante e em uma redação gerada pelo ChatGPT; comparar a forma como essas relações intertextuais são apresentadas nas duas redações; relacionar a comparação das relações intertextuais dos textos à definição de intertextualidade algorítmica.

Desse modo, iniciamos o artigo com uma discussão teórica acerca do fenômeno da intertextualidade e sua relação entre o ChatGPT e o ENEM; na sequência, apresentamos a metodologia em que o artigo se desenvolve; logo após, apresentamos a análise dos textos, estabelecendo de forma clara o conceito abordado.

A estrutura da produção textual do ENEM

Conforme os estudos de Adam (2019), a noção de prototipicidade pode ser identificada no ENEM por meio da própria Cartilha do Participante (Brasil, 2024), quando propõe, na apresentação do material, um caminho a ser seguido pelo candidato durante a escrita do próprio texto:

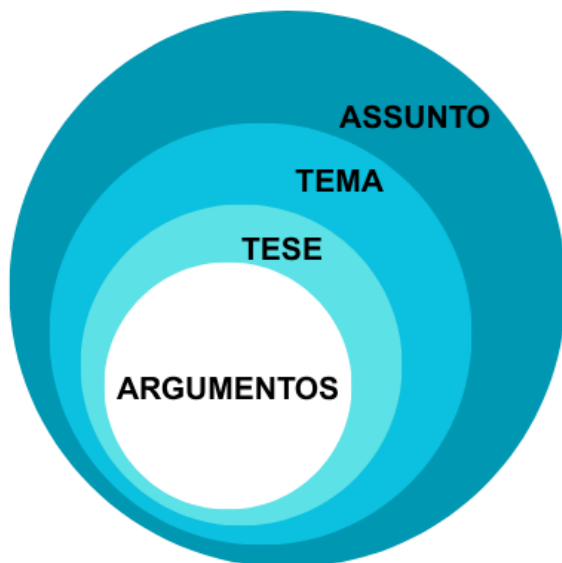
Imagem 1: Apresentação da estrutura da redação do ENEM na Cartilha do Participante



Pela introdução dessas informações, compreendemos que o **tema** é o ponto de apoio para a formação do **ponto de vista** do produtor. Com base nesse ponto de vista, o candidato selecionará **argumentos** que sirvam como defesa do ponto de vista. Após essa defesa, o autor precisará criar uma **proposta de intervenção** a ser aplicada diante dos problemas discutidos no texto, a fim de reduzi-los. Uma característica pertinente à discussão é que no ENEM há uma constante tentativa de se trabalhar conteúdos e habilidades dos candidatos por meio de situações-problema. Isso pode ser identificado na pesquisa de Neri e Carvalho (2024), quando analisaram itens da prova de linguagens do exame, os quais eram pautados em situações-problema. Na redação não é diferente, pois, se há proposta de intervenção, há um problema que a torna necessária, e todo o texto gira em torno dele, desde a formulação do ponto de vista e defesa pautada em argumentos.

Por meio desse percurso, traçado pelo próprio INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, os alunos precisarão organizar o raciocínio para perceber a integração dos elementos apresentados no protótipo indicado. Dentre esses elementos, apresentamos o seguinte diagrama, que corresponde ao processo de planejamento do texto de acordo com o percurso ilustrado na cartilha:

Imagem 1: Diagrama de planejamento textual



Esse diagrama é apresentado e percebido na prática entre os textos do exame pelo próprio ideal de argumentação compreendido e compartilhado com estudantes que se preparam para o ENEM. Podemos compreender essa noção pela maneira didática na qual Costa (2018) compreende tal processo: Argumentar é orientar o dizer no sentido de determinadas conclusões, é dotar-se de intenções, de objetivo ao se comunicar. Para alcançar seu objetivo, o sujeito procura persuadir o leitor/ouvinte para aderir a seu ponto de vista. Ao fazer isso, ele assume um posicionamento, formula sua tese e defende suas ideias com vistas a convencer o outro.

Fazendo esse movimento, o sujeito, ao manifestar-se através do uso da língua, insere-se em práticas sociais, interagindo com o outro que o cerca, seja via fala ou escrita. É nesse sentido que a língua se configura como instrumento social e histórico, caracterizando-nos como seres racionais e dotados da capacidade de comunicação, pela linguagem. É justamente na interação sociolinguística que acontecem os diálogos e a capacidade de argumentar torna-se importante à vida do sujeito (Costa, 2018, p. 47).

Nessa perspectiva, essa capacidade humana (Koch; Elias, 2016) é reconhecida e identificada na habilidade de aplicar o esquema apresentado em uma interação intencional com base na temática e nos leitores previstos. Em uma situação de produção, por exemplo, como a do ENEM 2024, que trouxe o tema: “Desafios para a valorização da herança africana no Brasil”, compreendemos como assunto um aspecto mais amplo em que o tema se encontra dentro dele: a “cultura”. Por isso, o tema, conforme indicado, fica dentro do espaço já demarcado como “assunto” e é menor, visto que não existe apenas esse tema referente ao assunto “cultura”.

A tese também não ocupa todo o espaço dentro do “tema”, pois cada candidato que escreveu sobre o tema em 2024 elaborou sua própria tese, explicitando de que maneira percebe o tema no cenário brasileiro. Da mesma forma, acontece com os argumentos, que não preenchem todo o espaço da “tese”, porque diferentes argumentos podem ser identificados e selecionados acerca de uma mesma tese. O aluno-produtor escolherá aqueles que ele considerar mais pertinentes para a discussão a ser criada. Com esse caminho, é possível adentrar melhor no terreno do tema e evitar situações complexas, como o tangenciamento e a fuga ao tema.

De modo geral, a avaliação do exame acontece por meio de cinco competências, que são, conforme a Cartilha do Participante (Brasil, 2024):

- I. Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa;
- II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias

áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa;

- III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
- IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação;
- V. Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Cada competência apresentada é avaliada com notas que variam de 0 (zero) a 200 (duzentos) pontos¹. Pela definição de cada uma, notamos que na redação do ENEM são avaliados diferentes critérios, desde o registro formal de acordo com as regras gramaticais durante a escrita, a compreensão e domínio do tema, a argumentação, de forma coerente e coesa, até a elaboração de uma proposta de intervenção.

É evidente que todas as competências são indispensáveis para um bom desempenho, porém, ao refletir sobre a argumentação, percebemos uma relevância das competências 2 e 3 na construção e defesa do ponto de vista do produtor, que é justamente a prioridade desta pesquisa. Sendo feito tal percurso, conforme o diagrama apresentado anteriormente, mesmo que as competências sejam avaliadas por uma pontuação semelhante, a argumentação se torna parte indispensável durante a escrita das trinta linhas, quando se trata de atingir o convencimento. De acordo com Amossy (2011, p. 133), É na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação, é preciso não esquecer, não é emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual – entre dois ou mais parceiros que pretendem influenciar um ao outro.

Sob esse viés, a partir do planejamento feito inicialmente dentro do protótipo indicado, a autora ressalta a “troca” que se faz indispensável no processo, ou seja, ao escrever, o candidato precisa ter um leitor em mente na tentativa de convencê-lo sobre as ideias defendidas no texto em uma postura de influência. Seguindo o curso da interação como concepção de linguagem, para que essa troca aconteça de forma situada, existem estratégias essenciais, segundo Koch e Elias (2021 [2009]), que se somam ao processo de produção:

- Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa

1- Silva (2025) já fez um detalhamento acerca dos critérios avaliados em cada uma das competências de avaliação da redação. Por esse motivo, estamos fazendo apenas uma síntese objetiva, especificando as competências e elementos que se referem, de fato, a esta pesquisa.

- (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- Seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
 - “Balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
 - Revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor (Koch; Elias, 2021 [2009], p. 34).

Nessa linha de raciocínio, as estratégias das autoras são estritamente associadas ao processo de criação de textos dissertativo-argumentativos, principalmente no contexto do ENEM, pois a **ativação de conhecimentos** é uma etapa fundamental no início da situação de produção, quando o aluno busca em sua bagagem sociocultural, conhecimentos que possam ser vinculados à temática em foco. Quando as autoras ressaltam **seleção, organização e desenvolvimento das ideias**, observamos uma integração entre os conhecimentos do produtor do texto no contexto do tema indicado, alinhando o raciocínio para desenvolver os próprios posicionamentos, explicitados por meio dos argumentos a serem defendidos. Associamos também ao desenvolvimento o que as autoras identificam como **“balanceamento”**, visto que o texto progride à medida que o produtor investe na informatividade a fim de sustentar o interesse do interlocutor em permanecer na atividade de leitura até que aconteça a adesão ao ponto de vista do locutor.

A última estratégia indicada por Koch e Elias (2021 [2009]) diz respeito a uma tarefa basilar para um bom desempenho na escrita: **a revisão**. Tudo aquilo que é elaborado pelo produtor precisa ser revisto ao longo da atividade de produção para que haja adequação e equilíbrio diante do objetivo da produção e da interação intencionada, tendo em vista que, para convencer o interlocutor, é necessário que ele seja adepto à discussão desenvolvida, por isso o cuidado com a revisão.

No percurso “tema > ponto de vista > argumentos > proposta de intervenção”, são organizadas as partes da dissertação argumentativa, que,

conforme Paiva (2024), são três: introdução, desenvolvimento e conclusão. No contexto do ENEM, em que a redação pode possuir no máximo 30 linhas, os parágrafos precisam ser organizados dentro das partes mencionadas. A partir da prototipicidade identificada entre os textos produzidos no exame ao longo dos anos², é estável a apresentação do tema e do ponto de vista na introdução e, no desenvolvimento, a discussão dos argumentos para, em seguida, na conclusão, apresentar a(s) proposta(s) de intervenção.

Por um olhar geral para as redações nota mil da última cartilha, percebemos uma estratégia comum de, na introdução, ser feita uma contextualização com base em repertório sociocultural, seguida da problematização com o ponto de vista do autor e da apresentação dos argumentos a serem defendidos. No desenvolvimento, foi unânime entre os estudantes a organização de um parágrafo para cada argumento defendido, sendo que cada parágrafo tinha conhecimentos específicos relacionados ao tema e ao argumento com a interpretação do produtor. Na conclusão, também foi percebido algo comum: propostas de intervenção e fechamento do texto logo após, sendo que em alguns fechamentos informações contextuais da introdução eram retomadas.

Diante disso, surge uma complexidade na definição de uma estrutura prototípica que, muitas vezes, parece ser uma repetição em vez de uma criação. No entanto, o parâmetro a ser seguido é o seguinte: para defender um ponto de vista, são necessários argumentos, e para que esses argumentos sejam legitimados é preciso respaldá-los com repertórios socioculturais vindos dos conhecimentos de mundo dos candidatos. Esses conhecimentos são, de fato, as “provas” que caracterizam as relações intertextuais, já que outros textos se somam ao texto dissertativo-argumentativo em si.

Intertextualidade: os repertórios socioculturais como estratégia argumentativa

Por um exercício de legitimidade, a argumentação costuma ser empregada com algumas estratégias, e em um texto como a redação do ENEM não costuma ser diferente. Antes de adentrar à reflexão sobre intertextualidade, ressaltamos o que Koch (2006) apresenta sobre o conceito de “autoridade polifônica” e as relações com a argumentação. Para a autora, essa definição consiste na “incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos – ao(s)

2- Nas cartilhas do participante dos últimos anos, os textos nota mil costumam possuir a mesma organização dos parágrafos entre introdução, desenvolvimento e conclusão.

interlocutor(es), a terceiros ou à opinião pública em geral” (Koch, 2006, p. 142).

Essa incorporação, segundo a autora, se aproxima dos modos como a polifonia se apresenta pelo que se tem como argumento de autoridade, de acordo com os estudos de Oswald Ducrot, que propõe a ideia de “raciocínio por autoridade”. Koch (2006) retoma essa ideia, que consiste em: “X disse P e, com base na suposição de que X, de acordo com sua situação ou competência, tem boas razões para não estar enganado, conclui-se quanto à verdade ou à verossimilhança de P” (Koch, 2006, p. 148).

Diante disso, o olhar de verdade e confiança quanto ao que é dito se fortalece pela recorrência dos modos de apresentação de determinada autoridade. Com base nos estudos de Bakhtin (2011 [1929/1963]) e Kristeva (2012, [1967]), na Linguística Textual, aproximamos essa ideia de Polifonia ao que consideramos como Intertextualidade, já que essas outras vozes que se manifestam no texto são, também, outros textos.

Ao iniciar a reflexão sobre intertextualidade, é necessário compreender que o estudo consiste em um amadurecimento o qual, por meio da contribuição de estudiosos ao longo do tempo, vem sendo abordado de modo mais esclarecido. Antes de adentrar os estudos do texto, precisamos começar pelo discurso, por meio de Bakhtin (2020 [1952]), ao trazer a primeira discussão sobre a “dialogicidade” quando publicou a primeira versão de “Gêneros do discurso”. Para o autor, essa ideia consiste em relações, as quais acontecem “entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (Bakhtin, 2020, p. 92). Esses enunciados vêm de interlocutores, intrinsecamente situados por discursos que atravessam o falar e o escrever, por isso o autor considera a dialogicidade como um princípio das relações humanas, o qual diz respeito ao processo de constituição de um discurso, que é sempre marcado por outros, desvelando diferentes, portanto, novas relações de sentido.

De maneira associada, e percebendo que o discurso se estende ao texto, pois é por meio do texto que o discurso se materializa, passamos a identificar uma proximidade entre “dialogicidade” e “intertextualidade”. Se Bakhtin apresenta o discurso como uma junção de outros discursos, o mesmo passa a ser percebido em relação ao texto. Diante da perspectiva bakhtiniana, em 1974, Julia Kristeva apresenta o termo “Intertextualidade” como um “mosaico de citações”, ou seja, que retoma outros textos em um mesmo texto formando uma composição de combinação. Já em 2010[1982], Gérard Genette apresenta o conceito de “transtextualidade”, definindo tipos de relações de um texto com outros, os quais são: paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

Por uma postura muito categórica e estrutural, os conceitos de Genette (2010[1982]) contribuíram para a expansão do fenômeno, mas ainda eram necessárias definições mais específicas. Em uma tentativa de organização e redefinição, Piègay-Gros (2010[1996]) propõe as intertextualidades de copresença (inserir partes de textos em outro) e de derivação (transformar um texto em outro, ou imitar gêneros e estilos) (Cavalcante *et al.*, 2022).

Esses novos estudos serviram de base para os estudos seguintes, pois podemos identificar uma proximidade com o olhar de Koch (2021[2006]), que classifica a intertextualidade entre implícita e explícita, pelos modos de apresentação de outros textos na materialidade. Essa classificação se expande em Koch, Bentes e Cavalcante (2008[2007]) quando propõem as intertextualidades explícita, implícita, temática e estilística, sendo uma estratégia para englobar as diferentes relações recorrentes e delimitar o estudo.

Atualmente, com a recorrência de textos multimodais e tecnotextos, devido à influência do ambiente digital, notamos uma atualização no conceito com base nos estudos de Carvalho (2018). A autora, em sua tese, percorre o caminho trilhado pelos autores que se dedicaram ao estudo da intertextualidade e propõe novas definições, com o propósito de atender às novas demandas sociais, em virtude do fluxo de mudanças constantes, principalmente pelas novas mídias e novos modos de produzir e relacionar textos. Desse modo, quando Koch e Elias (2016) mencionam categorias como intertextualidade ampla e restrita, percebemos no trabalho de Carvalho (2018) um detalhamento dessa classificação, a fim de contemplar as novas demandas mencionadas.

Imagem 2: Esquema de organização das intertextualidades estritas e amplas



Esse foi o resultado da atualização proposta, e a autora faz uma relação importante para a experiência de escrita argumentativa:

Não nos escapa o fato de que há uma função argumentativa subjacente aos recursos intertextuais, por meio da qual se constrói(em) determinado(s) sentido(s), a fim de atingir certo(s) propósito(s) discursivo(s). Quando, por exemplo, um texto recorre a um fragmento de outro, verifica-se um propósito argumentativo e discursivo de construção de sentido (Carvalho, 2018, p. 84).

Por esse motivo, acreditamos que o contexto da redação do ENEM toma como ponto de partida essas relações intertextuais, pelas próprias orientações da cartilha (Brasil, 2024) e pelos critérios avaliativos propostos na Competência 2 do exame, que equivale a 200 pontos na nota geral da redação. Esse olhar, que combina argumentação e intertextualidade, se associa ao pensamento de Carvalho (2018) quando a autora fala sobre como o texto deve ser compreendido, em sentido geral e específico. O texto, em sua integralidade, merece o cuidado do leitor, que deve reconhecer os elementos da materialidade e outros fatores de diferentes ordens – situacionais, cognitivos, socioculturais e interacionais (Carvalho, 2018).

Na Cartilha do Participante do ENEM, a Competência 2 de avaliação da redação preocupa-se com essa integralidade, pois avalia se o estudante compreende o tema, respeita a estrutura (pelo protótipo apresentado pelo INEP por meio da sequência argumentativa) e aplica repertórios socioculturais advindos das experiências dos estudantes. Em um mesmo texto, a avaliação dessa competência parte de um olhar composto por tal tripartição (compreensão do tema, estrutura e aplicação de repertórios).

Na aplicação de repertórios, são evidentes as relações intertextuais a serem estabelecidas, visto que a cartilha considera como repertórios: “exemplos, dados estatísticos, pesquisas, fatos comprováveis, citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto, pequenas narrativas ilustrativas, alusões históricas e comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos” (Brasil, 2024, p. 33). É fulcral pontuar que esses repertórios, de acordo com a cartilha, são “toda e qualquer informação, fato, citação ou experiência vivida que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta pelo participante” (Brasil, 2019, p. 10), ou seja, nada mais são que outras vozes; outros textos trazidos para a redação pelo estudante, o qual visa defender seu ponto de vista.

No viés do repertório, geralmente encontramos de modo evidente relações intertextuais explícitas (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008 [2007]) e estritas (Carvalho, 2018) nas redações do ENEM, pelo próprio critério de

avaliação do exame ao deixar evidentes os intertextos presentes, como forma de identificar os conhecimentos do produtor na redação. Além de explícitas e estritas, acontecem por copresença (Carvalho, 2018), já que costumam ser feitas por meio de citação, alusão e/ou paráfrase. Nas análises, poderemos identificar melhor cada uma das relações identificadas nos textos, seja nas redações nota mil, seja nos textos gerados pelo ChatGPT.

Cavalcante *et al.* (2020) defendem essa relação, assim como Koch (2006), pelo fato de essas vozes e a forma como elas são orquestradas situarem o que um texto possui de mais particular em sua argumentação, com relação ao ponto de vista defendido. No projeto de dizer, ao articular e negociar os modos de persuadir o interlocutor, entram em cena as estratégias argumentativas e a singularidade de cada autor.

Diante desse olhar, é íntima a relação entre argumentação e repertório sociocultural, o que corresponde às competências 2 e 3 de avaliação das redações do ENEM. Neri e Brito (2023) argumentam sobre trabalhar com a conexão entre essas duas competências para alcançar o rendimento esperado pelos avaliadores, pois a defesa do ponto de vista feita por meio de argumentos depende de provas.

Não basta argumentar, portanto, apontando o superficial. É crucial refletir com cuidado e aprofundamento sobre os problemas em discussão. Dessa maneira, analogias, contrariedades, assimilações e causa/consequência são algumas das várias alternativas que o aluno encontrará para manifestar uma opinião mais consistente, com contextualização rica – é nesse momento que se torna perceptível a influência da competência II na avaliação da competência III (Neri; Brito, 2023, p. 196-197).

De modo correlacionado aos posicionamentos de Neri e Brito (2023), Koch e Elias (2016) afirmam que o intertexto funciona de forma estratégica como sustentação de teses. Isso significa que a superficialidade problematizada por Neri e Brito (2023) perde espaço, em virtude do aprofundamento argumentativo, que cresce e enriquece as defesas e as possibilidades de convencimento. Logo, a intertextualidade “é um expediente de que podemos nos valer na construção de argumentos” (Koch; Elias, 2016, p. 47).

Partindo dessa visão, fica reconhecido o ápice de um trabalho criativo que depende do aluno, pois criar relações intertextuais dependerá do autor do texto, que busca, em sua bagagem sociocultural, um repertório apropriado para o que se busca defender, manifestando no texto o aprendizado social e de forma única do autor (Dehaene, 2022). Entretanto, notamos que essas relações são complexas e subjetivas, e muitas vezes são solicitadas ao ChatGPT na

intenção de receber um texto concluído, pronto para ser transcrito.

Pela perspectiva da intertextualidade, Silva (2025) já propõe uma adjetivação ao conceito diante do uso de *chatbots* no cotidiano, definindo-o como **intertextualidade digital**³. Essa adjetivação vem de uma cultura de remixes, em que os usuários estão sempre produzindo textos por meio de cópia, reelaboração, combinação ou transformação de conteúdos. Essa prática é comum, mas tem ganhado uma nova roupagem quando passa o trabalho de remixagem para os *chatbots*.

Diante disso, é preciso avaliar a forma como a IA desempenha essa tarefa, pois, diante do cenário de constantes solicitações aos sistemas de IA generativa, essa intertextualidade digital também pode abrir espaço para a definição de um novo conceito: a **intertextualidade algorítmica**. Chegamos a essa definição porque as informações geradas nos sistemas possuem dados armazenados, que são refeitos e adaptados com base nos algoritmos. Para tanto, se um *chatbot* oferece uma resposta, houve, durante a filtragem dos dados, uma seleção de informações, e, ainda que implícitas, por não sabermos exatamente a fonte delas, são outros textos que, em conjunto, formam uma combinação para uma nova resposta.

Entretanto, mesmo que o texto em ambiente digital seja flexível e esteja em constante estabilidade, para Plantin (2008), argumentar exige um sujeito humano, pela própria tarefa de provar e demonstrar. Estamos defendendo, pela própria noção de inteligência, que demanda um comportamento criativo, que “demonstrar” para “provar” pode ser uma tarefa restrita em um sistema de IA se os dados por ele apresentados forem restritos. Ainda que os algoritmos tenham uma característica de adaptação, por auxiliarem na aprendizagem de máquina (Vicari *et al.*, 2023), o *chatbot* pode não desempenhar a integração entre textos da forma como relações intertextuais são construídas pelos humanos.

Nesse sentido, a intertextualidade está sendo definida como “algorítmica” pelo círculo limitado de informações, as quais podem não atender a necessidade de quem solicita um texto ao sistema. Por ser uma atividade categórica, estrutural e limitada a comandos, a qualidade das respostas geradas ou os sentidos por elas evidenciados podem desalinhar o propósito comunicativo.

Para o ser humano, a habilidade de criar relações intertextuais

3- Este conceito já começou a ser estudado por Costa (2024), porém no nível do “ambiente digital”, e não consolidando a intertextualidade com a adjetivação “digital” em si. Fazemos essa sinalização para demonstrar que o amadurecimento de ideias para a criação de alguns conceitos é resultado de pesquisas anteriores.

também pode se tornar restrita, porque o humano não conhece todas as coisas, mas pode conhecer; não sabe escrever sobre todas as temáticas, mas pode estudar para isso; não tem conhecimentos atualizados sobre uma discussão contemporânea, mas pode se atualizar recorrendo a estudos e pesquisas. A autonomia que o ser humano possui ainda não existe em sistemas de IA, a menos que os algoritmos alcancem o ápice da eficiência, possuindo todos os conhecimentos possíveis.

Além disso, para que um sistema de IA gere uma relação intertextual, é preciso delimitar a solicitação via *prompt*. Embora delimitada, ainda pode cometer falhas, pois a resposta oferecida pode não atingir o resultado esperado. Assim, a vivência sociocultural não ocorre para *chatbots*, fazendo-os esperar pelas atualizações possibilitadas por meio dos algoritmos, os quais trarão as informações utilizadas pelos sistemas para gerarem as intertextualidades que acontecem nesses ambientes – intertextualidade algorítmica.

4 Metodologia

Este artigo é resultado de uma pesquisa considerada qualitativa (Paiva, 2019), em nível de mestrado, que analisa a modalidade argumentativa demonstrativa, evidenciada com base nas estratégias intertextuais utilizadas por estudantes e pelo ChatGPT, na intenção de perceber como a argumentação foi conduzida em redações do ENEM para a adesão do leitor diante do ponto de vista defendido. Dessa pesquisa, o conceito de intertextualidade algorítmica foi desenvolvido e aprofundado para divulgação científica por meio deste artigo.

No nível das modalidades da pesquisa (Severino, 2013), quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa explicativa, porque analisamos fenômenos de modo comparativo, através de interpretações qualitativas, em busca de causas. Já quanto às técnicas, tem-se uma pesquisa documental, pois a análise parte de uma redação do ENEM (edição 2023), divulgadas por meio da Cartilha do Participante do ENEM (Brasil, 2024), e de uma redação gerada pelo ChatGPT sobre a mesma temática do ENEM 2023, solicitadas por meio de *prompts* inseridos no sistema de IA⁴. Nessas redações, foram observadas as relações intertextuais, percebendo a ideia de intertextualidade algorítmica.

Como critérios de delimitação do corpus, selecionamos apenas uma redação de humano e uma gerada pela IA. Nesse sentido, nas redações da análise, identificamos alguns aspectos estruturais dos textos a partir de cores,

4- À frente, serão detalhadas as informações a respeito da quantidade de textos e critérios de delimitação.

conforme as características do texto dissertativo-argumentativo desenvolvido no ENEM:

Quadro 7: Cores utilizadas na identificação dos elementos estruturais das redações nota mil e das redações geradas pelo ChatGPT

Cor	Descrição
1. Lilás	Repertórios socioculturais
2. Azul	Relação entre repertórios socioculturais e tema/argumento
3. Verde	Apresentação/indicação dos argumentos
4. Laranja	Informações discrepantes/dissociadas da discussão

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A partir dessa organização, seguiremos com a análise comparativa entre uma redação da cartilha do participante e um teste feito no ChatGPT.

5 Análise de dados e discussão

Quadro 11: Texto 3 (Texto 10 da cartilha – Matheus Almeida Barros)

<p>Por meio de seu livro “Brasil, país do futuro” — publicado no último século — o escritor austríaco Stefan Zweig expressou a sua confiança de que a nação crescerá e se desenvolverá exponencialmente. Para além disso, nos dias atuais, a sociedade brasileira vivencia uma situação inversa, uma vez que a constante invisibilidade feminina relacionada ao trabalho de cuidado e seus impactos negativos na contemporaneidade não são características de um “país do futuro”. Desse modo, algumas negligências governamentais impulsionam a desvalorização trabalhista de cuidado desempenhado pela mulher brasileira e promovem o desenvolvimento de diversas desigualdades socioeconômicas. Logo, tanto a inefetividade das leis direcionadas ao público feminino quanto a escassez de investimentos na educação capacitativa são suscitadores da problemática. Em primeiro plano, é imprescindível destacar a baixa eficiência das leis relacionadas ao trabalho da mulher como um fator que potencializa a invisibilidade do esforço doméstico e de cuidado desse grupo. Nesse sentido, o escritor brasileiro Gilberto Dimenstein defende que a legislação brasileira funciona somente no papel e, na prática, é ineficiente. A partir disso, tal tese pode ser comprovada por meio da má aplicação das leis trabalhistas femininas, uma vez que tais documentos não garantem, efetivamente, os direitos fundamentais da mulher, especialmente no âmbito do trabalho, e geram uma dependência dessa parcela ao cuidado doméstico, que é amplamente desvalorizado e, muitas vezes, não remunerado. Logo, tal insuficiência do sistema legislativo promove uma exploração exagerada da população feminina no país.</p> <p>Além disso, vale ressaltar, ainda, a falta de verbas destinadas à educação como um fator que agrava e desvaloriza o trabalho de cuidado exercido pela mulher brasileira. Nesse sentido, o filósofo esloveno Slavoj Žižek afirma que os políticos liberais modernos priorizam interesses mercadológicos e menosprezam atitudes que beneficiem a coletividade. Dessa maneira, verifica-se uma imprudência estatal que, por sua vez, despreza a importância da educação ao não investir na capacitação feminina, o que impede a entrada desse grupo no mercado de trabalho e obriga a mulher a realizar os desvalorizados “trabalhos de cuidado”. Com isso, atitudes que visem ampliar a qualidade do sistema educacional brasileiro mostram-se amplamente necessárias.</p> <p>Portanto, vistos os fatores que impactam negativamente na valorização do trabalho de cuidado feminino, medidas são necessárias para combatê-los. Cabe ao Governo Federal a realização de fiscalizações legislativas e, por meio de inspeções e vistorias em residências de risco, verificar se as leis trabalhistas femininas estão sendo devidamente aplicadas, a fim de garantir a não exploração da mulher doméstica. Ademais, o Ministério da Educação deve, através de verbas do FUNDEB — o Fundo Nacional de Educação Básica destinar investimentos às escolas, visando promover uma capacitação geral e inserir as mulheres em um mercado de trabalho justo. Somente assim, o público feminino conquistará a devida visibilidade no âmbito do trabalho.</p>	<p>Legenda</p> <p>Lilás: repertórios socioculturais</p> <p>Azul: relação entre repertórios socioculturais e tema/argumento</p> <p>Verde: apresentação/ indicação dos argumentos</p>
---	---

Fonte: Adaptado de Brasil (2024, p. 62)

Nessa redação, a última do recorte da cartilha, as intertextualidades explícitas, estritas por copresença (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008

[2007]; Carvalho, 2018) aparecem na introdução e nos dois parágrafos de desenvolvimento com as paráfrases de Stefan Zweig (também realizada no texto 1 da análise), Gilberto Dimenstein e Slavoj Zizek. Essas paráfrases revelam demonstrações para defender o ponto de vista por meio dos argumentos indicados: a inefetividade das leis direcionadas ao público feminino e a escassez de investimentos na educação capacitativa, com o propósito de persuadir, que, para Koch (2006), está atrelado ao desejo de atingir vontades e sentimentos do(s) interlocutor(es). Desse modo, a organização estrutural do texto, no nível do planejamento, aconteceu da seguinte forma:

Imagem 9: Diagrama de esquematização do texto 3



Fonte: Autoria própria (2026)

A primeira paráfrase é utilizada de forma semelhante à recorrência no primeiro texto – trecho lilás do primeiro parágrafo, correspondendo a um repertório sociocultural classificado como uma intertextualidade explícita, estrita por copresença. Essa intertextualidade serviu para contextualizar e introduzir a discussão sobre a temática, mostrando que o crescimento e o desenvolvimento brasileiro estão sendo interrompidos diante da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher. Tal interpretação já assinala os primeiros indícios do ponto de vista do autor, que destaca na sequência negligências e desigualdades como problemas advindos da situação enfrentada. Desse modo, a relação entre repertório e tema representa

pertinência e produtividade, pois, conforme Cohen (2022), apresentar uma reflexão atribuída a outro enunciador (legítimo) orienta o interlocutor a uma conclusão, ou seja, o raciocínio desenvolvido no texto é acompanhado.

No segundo parágrafo, em que os argumentos começam a ser desenvolvidos, a pauta se constrói com foco na ineficiência das leis. O repertório sociocultural mencionado se associa à discussão porque a reflexão de Dimenstein que é inserida no texto contempla a inaplicabilidade, quando se pensa em um contexto prático (trecho lilás do segundo parágrafo). Essa relacionalidade se sustenta pela persuasão intencionada pelo autor do texto, que, segundo Costa (2018), é o que guia o conceito do argumentar. No trecho azul do parágrafo, o “relacionar” e o “interpretar” da competência 03 do exame (Brasil, 2024) são manifestados, já que o aluno justifica o motivo pelo qual o pensamento de Dimenstein se associa ao argumento defendido.

No trecho vermelho, percebemos uma relação de causa e consequência funcionando como estratégia de aprofundamento argumentativo. No trecho azul, é indicado que os documentos e leis não garantem os direitos da mulher – trecho que revela uma causa; e, no trecho seguinte, são ressaltadas as consequências – dependência do trabalho desvalorizado e/ou não remunerado e exploração exagerada. Logo, percebemos que, ainda que o parágrafo fale sobre inefetividade das leis e o repertório contemple uma discussão sobre leis, o autor desenvolve o parágrafo de maneira relacionada e contextualizada dentro do tema (Koch, 2015 [2002]), atendendo o que as competências 2 e 3 da prova solicitam dos candidatos.

Da mesma forma, no terceiro parágrafo é identificada uma relação semelhante: o situar o argumento da falta de verbas educacionais como foco do parágrafo, o repertório sobre o filósofo esloveno, marcado com a cor lilás, visa demonstrar (Amossy, 2008) uma defesa fundamentada do ponto de vista. A reflexão de Žižek assume um olhar de consonância com o argumento, porque abordar a falta de verbas diz respeito a um trabalho político, que envolve setores governamentais. A imprudência ressaltada pelo produtor do texto (cor azul do parágrafo) marca a relação entre repertório e argumento. Consequentemente, também marca uma relação com o tema, posto que o autor utiliza a estratégia argumentativa de causa e consequência ao situar o baixo investimento como causa e apresentar o impedimento de entrada no mercado de trabalho e a desvalorização do trabalho doméstico como consequência (trecho vermelho do parágrafo).

No fim do trecho, há um indício de que ações interventivas devem ser feitas, sinalizando que na conclusão esses tipos de ação serão apresentadas. Percorrendo o raciocínio construído no parágrafo, a argumentatividade

discutida por Koch (2006) é reconhecida pela macrossintaxe discursiva construída, já que o convencimento se situa no trecho a partir do olhar pragmático e ideológico dos leitores e, principalmente, dos avaliadores. Esse resultado significativo é uma resposta a uma experiência legítima com a escrita na formação escolar do produtor, pois os alunos precisam ser formados como sujeitos autores dos próprios dizeres (Carvalho, 2020), o que depende de um comportamento crítico indispensável.

O percurso argumentativo construído pelo candidato reúne o que Cavalcante (2016) aponta em suas reflexões sobre as estratégias intertextuais. Desde o momento de escolha dos repertórios pelo estudante até a inserção no texto, as ações de linguagem já sinalizam ações argumentativas, pois a escolha de uma informação é consolidada se o candidato perceber que aquele conhecimento será pertinente à discussão e produtivo na estruturação de cada parágrafo, conforme os propósitos atribuídos ao texto e esperados pelos avaliadores.

Desse modo, compartilhando da perspectiva de Amossy (2008), a tese de que negligências e desigualdades são comuns no trabalho de cuidado realizado pela mulher, lançada pelo aluno-produtor, foi criada para, em 30 linhas, convencer o leitor (auditório) por meio de argumentos baseados em “provas”. Essas “provas” foram manifestadas a partir de estratégias intertextuais (repertórios socioculturais) que consolidaram a adesão do interlocutor durante a leitura e a avaliação, porque os interlocutores são os próprios corretores no contexto do ENEM.

Assim, a descrição desse percurso representa a modalidade argumentativa demonstrativa, que, nos textos nota mil, tornou-se um percurso claro e bem direcionado pelos próprios autores, ao buscarem convencer com maestria os interlocutores. Em contrapartida, para dar seguimento à análise comparativa, apresentamos a análise de um texto gerado pelo ChatGPT, que foi solicitado a partir do mesmo *prompt* de orientação e com os mesmos textos motivadores que os estudantes têm acesso, com o propósito de perceber como o conceito de intertextualidade algorítmica se faz presente e como ele pode ser identificado.

Abaixo, podemos observar a resposta gerada pelo *ChatGPT* de forma mais organizada, fora da plataforma, depois de fazermos a solicitação. Apenas fizemos a transcrição da resposta tal qual foi gerada, sem fazer interferências:

Quadro 15: Resposta II do ChatGPT organizada fora da plataforma

<p>TEXTO RESPOSTA: Claro! A proposta de redação do ENEM 2023 pede um texto dissertativo-argumentativo sobre: “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”</p> <p>Abaixo está um exemplo de redação dentro dos critérios do ENEM, com tese clara, argumentos consistentes e proposta de intervenção que respeita os direitos humanos:</p>	<p>Legenda</p> <p>Lilás: repertórios socioculturais</p> <p>Azul: relação entre repertórios socioculturais e tema/argumento</p> <p>Verde: apresentação/ indicação dos argumentos</p> <p>Laranja: informações discrepantes/dissociadas da discussão</p>
<p>Título: A valorização do trabalho invisível: um passo para a equidade de gênero no Brasil</p> <p>No Brasil, o trabalho de cuidado — que inclui atividades como cuidar de crianças, idosos e tarefas domésticas — é historicamente atribuído às mulheres e, muitas vezes, desvalorizado e invisibilizado. Essa realidade, marcada por desigualdades de gênero, reflete não apenas padrões culturais enraizados, mas também a ausência de políticas públicas eficazes que reconheçam e compartilhem essa carga de trabalho. Enfrentar tal invisibilidade é um desafio urgente para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.</p> <p>Em primeiro lugar, é necessário compreender que o trabalho de cuidado é fundamental para o funcionamento da sociedade, embora raramente seja reconhecido como tal. Segundo dados do IBGE (2019), as mulheres dedicam, em média, o dobro de horas semanais em tarefas domésticas e de cuidado em relação aos homens. Essa sobrecarga compromete o acesso das mulheres a oportunidades educacionais e profissionais, perpetuando ciclos de dependência econômica e exclusão social. A invisibilidade desse trabalho contribui, portanto, para a manutenção de desigualdades estruturais.</p> <p>Além disso, essa divisão desigual está profundamente enraizada em construções sociais de gênero. Como destacam os textos motivadores, a sociedade ainda naturaliza a ideia de que cuidar é uma função “feminina”, o que leva à desvalorização simbólica e econômica dessas atividades. Essa percepção impede avanços reais na divisão equitativa das tarefas e reforça o machismo estrutural, tornando essencial a desconstrução desses estereótipos por meio da educação e da mídia.</p> <p>Diante desse cenário, é imprescindível a implementação de políticas públicas que reconheçam e valorizem o trabalho de cuidado. Isso inclui, por exemplo, a criação de serviços públicos de cuidado (creches, centros de apoio a idosos), incentivos fiscais para famílias cuidadoras e campanhas de conscientização sobre a divisão equitativa de tarefas domésticas. Ademais, a inserção desse debate no ambiente escolar e nos meios de comunicação pode contribuir para transformar mentalidades e promover uma cultura de corresponsabilidade entre homens e mulheres.</p> <p>Portanto, os desafios para enfrentar a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil envolvem não apenas mudanças estruturais, mas também culturais. Valorizar esse trabalho é garantir dignidade, equidade e cidadania para milhões de mulheres brasileiras. É papel do Estado, da sociedade e das famílias reconhecer e compartilhar essa responsabilidade.</p>	
<p>Se quiser, posso te ajudar a adaptar essa redação para o seu estilo, revisar um rascunho seu ou criar outra com foco diferente (como no impacto econômico, histórico, social etc.). Deseja algo assim?</p>	

Fonte: A autoria própria (2025)

Com esse teste, podemos iniciar a análise pelo papel dos textos motivadores apresentados na proposta de produção do caderno de questões do ENEM, ao serem introduzidos na solicitação. É importante destacar que, pela introdução de um material que facilitaria a situacionalidade (Koch, 2002) e permitiria a identificação da máquina de um viés contextual (Vicari *et al.*, 2023) sobre o texto a ser gerado, tínhamos a expectativa de uma resposta que incluísse um aprofundamento argumentativo somado às informações anteriores já apresentadas na resposta do *prompt* sem os textos motivadores, apoiando-se em outros textos que permitissem novas relações intertextuais.

Porém, mesmo com os textos, na tentativa de interferir positivamente na resposta, o resultado não atingiu a expectativa criada. Esse resultado prova que não se trata apenas de contextualizar ou detalhar a solicitação, visto que o *ChatGPT* passou por esse teste, mas trata-se de uma insuficiência de dados (Eysenck; Eysenck, 2023), os quais não tiveram auxílio suficiente de algoritmos que se adaptem e que possibilitem ao sistema de IA a identificação de novas informações que possam ser somadas aos dados já armazenados no *chatbot* - por isso a definição de intertextualidade algorítmica.

Seria necessário disponibilizar, previamente, conteúdos a partir dos textos motivadores, de modo a alimentar o *ChatGPT* com informações sobre o tema. Com isso, o ser humano passa a oferecer novos conhecimentos, que seriam reconhecidos pelo Chat como dados (Vicari *et al.*, 2023), a fim de contribuir para o repertório de informações do sistema, o que se confirma quando assinala a sugestão: “revisar um rascunho seu”. Contudo, o contexto atual não reconhece esse funcionamento, e os indivíduos esperam do *ChatGPT*, seja qual for a situação, uma resposta favorável, agindo (e permanecendo) com uma postura passiva, contrariando os ideais de autoria (Fernandes, 2024).

O que comprova essas constatações é o texto gerado: com cinco parágrafos, estrutura distante do protótipo de texto dissertativo-argumentativo encontrado (Adam, 2019) na análise das redações nota mil, comentário sugestivo ao fim da resposta com indicação do próprio Chat para possíveis adaptações, questionamento sobre a utilidade da resposta e os ícones presentes abaixo da resposta gerada, indicando ações, como: “copiar”, “gostei”, “não gostei”, “ouvir” e “acrescentar”. Os ícones, por exemplo, funcionam, para a máquina, como forma de avaliação do comportamento, indicando uma busca por aprovação e por novos dados; e para o usuário, funcionam como gestos tecnolinguageiros (Muniz-Lima, 2024) que estimulam a participação dele, incentivando-o a reagir, apresentando justificativas sobre o comportamento da máquina, já que, com a resposta positiva do usuário, o sistema reconhece que poderá oferecer respostas semelhantes àquela ao encontrar solicitações que se

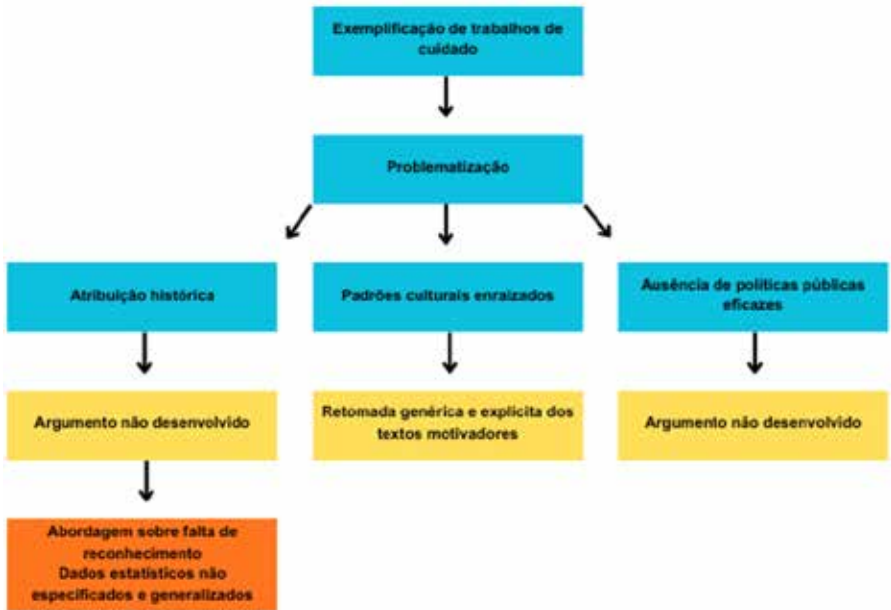
aproximem do *prompt* indicado; e o contrário pode acontecer em uma situação de resposta negativa.

Quanto à estrutura, ainda é difícil garantir uma argumentação demonstrativa pela limitação da discussão gerada. Primeiramente, dentre as habilidades solicitadas pelo exame (Brasil, 2024), mencionadas por Cohen (2022) e Koch (2006), a “organização” não atende ao propósito associado à “relação” e à “interpretação”, e, ainda que estejam ligadas ao ser humano, precisam ser identificadas também no texto apresentado pelo *chatbot*, pois fazem parte do processo de avaliação do texto.

O critério de organização do texto leva em consideração padrões culturais enraizados e ausência de políticas públicas como possíveis argumentos a serem desenvolvidos, mas, nos parágrafos seguintes, são encontrados esses argumentos e um novo imediatamente no segundo parágrafo – falta de reconhecimento. Pelo critério de organização encontrado como expectativa por avaliadores, aquilo que será desenvolvido precisa, antes, ter sido introduzido. Se o argumento não foi apresentado na introdução, isso significará falha no projeto de texto.

Outro aspecto importante é que o sistema de IA gerou um texto de cinco parágrafos. Se pela estrutura prototípica o primeiro parágrafo geralmente é a introdução e o último a conclusão, os parágrafos do meio farão parte do desenvolvimento. No entanto, a organização não condiz com a indicação feita pelo ChatGPT na introdução, pois cada parágrafo de desenvolvimento deve se referir à defesa de um argumento, todavia só foi apresentado um deles em um dos parágrafos; em outro, há um novo argumento desenvolvido, e, no penúltimo parágrafo do texto, que deveria ser de desenvolvimento, já encontramos um parágrafo conclusivo. Esquematicamente, podemos visualizar essa desorganização no quadro abaixo:

Imagem 18: Projeto de texto da resposta II do ChatGPT



Fonte: Autoria própria (2025)

Outro problema evidente que, na verdade, permanece são os indícios de conclusão. Novamente, aparecem no fim da introdução (como no teste anterior), em um dos parágrafos de desenvolvimento e no último parágrafo, local no qual deveria ser o único a possuir propostas de intervenção. Nessa perspectiva, é incompatível sugerir propostas se o próprio problema em foco (invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher) não foi discutido da maneira esperada, apresentando motivos que comprovem a “indicação” de um ponto de vista.

Partindo para o viés da demonstração, no 2º parágrafo, ao abordar a falta de reconhecimento (argumento não apresentado antes), é inserida novamente uma evidência na resposta quanto aos dados do IBGE, vindos do texto motivador nº. 2. Porém, não há nenhum conhecimento que indique repertório sociocultural a mais no parágrafo, sustentando-se apenas por uma relação de causa e consequência que não tem embasamento, a não ser o senso comum. Isso pode ser justificado pela carência de dados e informações suficientes, já que a máquina possui capacidade de processar inúmeras informações, mas que precisam ser adquiridas (Eysenck; Eysenck, 2023) pela relação entre sensores, dados e algoritmos.

A estratégia dos algoritmos de resgatar a informação do IBGE que estava nos textos motivadores se configura como intertextualidade algorítmica, mas esse tipo de retomada na redação não é produtiva no contexto de avaliação do texto no exame. Longe do objetivo de somar os dados presentes à produção do aluno, os textos motivadores são apresentados a fim de contextualizar a proposta de produção, situar o leitor e dar orientações sobre o tema, para que o aluno consiga desenvolver um texto dissertativo-argumentativo sobre o problema abordado e evite fugir ou tangenciar o tema. Assim, o comportamento do ChatGPT revela uma postura das IAs: resgatar dados, seja qual for a maneira em que eles se manifestem (Lee, 2019; Kaufman, 2022); o que não convém no contexto do ENEM.

No parágrafo seguinte, o primeiro argumento indicado na introdução é contemplado: os padrões culturais enraizados. Todavia, o *ChatGPT*, em vez de trazer informações novas e pertinentes que funcionem como repertório sociocultural para um possível aprofundamento argumentativo, apresenta uma leitura escancarada dos textos motivadores, ao mencioná-los da seguinte forma no corpo do texto: “como destacam os textos motivadores”. Isso sustenta as impressões introduzidas no parágrafo anterior de que falta aos dados do *chatbot* o reconhecimento da real tarefa dos textos motivadores. Desse modo, não faz sentido argumentar fazendo apenas uma leitura dos textos motivadores e prendendo-se a esse exercício, pois criar relações intertextuais não é uma tarefa que precisa, necessariamente, ser desenvolvida explicitando que o intertexto não veio de algo pertencente ao sistema em si.

Ainda é perceptível nesse parágrafo uma carência de aprofundamento na discussão, pois após a retomada por meio de intertextualidade explícita/ampla (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008; Carvalho, 2018) dos textos motivadores ocorre apenas uma relação de causa e consequência. Com isso, percebemos na resposta do Chat uma dificuldade em recuperar informações que funcionem como intertextualidade na resposta, a fim de contribuir para a demonstração dos “posicionamentos”. Na sequência, para encerrar o parágrafo, há um novo indício de proposta de intervenção, ao mencionar a educação e a mídia como agentes para a desconstrução de estereótipos, sendo, novamente, um planejamento que desorganiza a estrutura esperada pelo usuário do sistema.

Até o momento, não podemos falar em repertório sociocultural legítimo, pertinente e produtivo, porque apenas identificamos informações situadas no senso comum e/ou referentes aos textos motivadores inseridos na solicitação. Diante disso, a abordagem sobre intertextualidade algorítmica diz respeito a essa limitação dos sistemas de IA, em um comportamento de

dependência, já que os sistemas conseguem resgatar informações; porém, resgata apenas as que ele tem e aplica-as nos textos gerados, como se fossem as informações mais apropriadas para a discussão.

O comportamento humano também funciona de maneira restrita. Defendemos, neste texto, que o ser humano não possui todos os conhecimentos de mundo possíveis para fazer quaisquer relações intertextuais em diferentes interações; entretanto, existe nele a capacidade de procurar as informações; de descobrir; de pesquisar; de investigar conhecimentos que se aproximam da discussão; de aprender novos conteúdos que servirão para diferentes experiências socioculturais. Um sistema de IA não consegue fazer isso sozinho; precisa do trabalho dos algoritmos em larga escala. Mesmo que os algoritmos apresentem informações diversas, nem sempre serão eficientes a depender da especificidade das interações, e ainda podem trazer informações não confiáveis, como *fake news*.

No quarto parágrafo, essa “demonstração” esperada pelo próprio percurso de argumentação continua ausente, pois em vez de o *ChatGPT* gerar um parágrafo que sinalize uma argumentação a respeito da ausência de políticas públicas, como mencionado na introdução, ele já começa a propor novas intervenções, sem falar sobre a carência dessas políticas de forma problematizada. Ou seja, houve a “seleção” dos argumentos entre os dados existentes no sistema de IA, mas a “relação” não foi contemplada, muito menos a “interpretação” como aprofundamento das ideias apontadas, dificultando o objetivo final do texto dissertativo-argumentativo: o convencimento do leitor, que adere à tese (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005) apontada no texto.

Desse modo, notamos que, muito além de uma especificidade entre as informações solicitadas, o usuário precisa reconhecer que o resultado da interação com sistemas de IA é (e permanece) falho se não houver uma construção coletiva de conhecimento e informações. O *chatbot* sozinho não gera textos completos, não argumenta (porque não possui opinião, logo, também não possui pontos de vista e nem vivência social e cultural) e nem convence; o que ele ainda pode fazer é reproduzir argumentações e convencimentos, mas, para isso, precisa ser orientado. Se estamos falando em reprodução, não conseguimos assimilar o que definimos como originalidade e autoria, pontos essenciais que precisam ser analisados entre a produção e a geração, pensando em contextos isolados e em contextos de sala de aula.

Considerações finais

A argumentação desenvolvida em textos dissertativo-argumentativos, de maneira geral, precisa ser demonstrada com base em comprovações, as

quais se manifestam nos textos por meio de relações intertextuais, conforme a análise apresentada. No entanto, as estratégias de intertextualidade adotadas pelo sistema de IA em foco, as quais estão sendo definidas como intertextualidades algorítmicas, não exploram conhecimentos reais adquiridos na “experiência” de um sistema, já que ele não possui vivência sociocultural.

A intertextualidade algorítmica leva em conta um comportamento sistemático de resgate de dados, os quais podem não oferecer relações legítimas, pertinentes e produtivas, de acordo com a expectativa do ENEM. No recorte analisado, foi possível perceber a improdutividade na argumentação dos textos pela carência de relações intertextuais que, de fato, demonstrassem a defesa dos argumentos.

Por esse motivo, reforçamos que existem intertextualidades em textos gerados por IA, mas elas aparecem de maneira explícita em textos argumentativos como os do ENEM de maneira restrita aos dados já existentes no sistema, o que nos fez defini-la como “algorítmica”. Ressaltamos, ainda, que a capacidade da máquina, mesmo que em processo de desenvolvimento constante, não consegue atingir uma autonomia semelhante à humana, e isso pode ser constatado pelas próprias características socioculturais dos indivíduos, que possuem a criatividade como base para os processos de leitura e escrita.

Referências

ADAM, J. M. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Orgs). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad.: Paulo Bezerra. 1. ed. (3ª reimp.). São Paulo: Editora 34, 2020 [1952].

BAKHTIN, M. M. (1929/1963). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (2. tiragem). Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2011

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **A redação do ENEM**: cartilha do(a) participante. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: DF, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno do Participante do ENEM**. Brasília: DF, 2023.

CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. Tese [Doutorado]. Universidade Federal do Ceará. 2018.

CARVALHO, K. A. **Produção de textos em contextos de cursos preparatórios para o Enem**: a questão da autoria. 2020. 69 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

COHEN, B. A. M. **A textualização argumentativa de redações nota 1000 do ENEM**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, FALE – Faculdade de Letras, universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2022.

COSTA, S. S. **A construção do sentido no texto dissertativo-argumentativo em redações do Enem**. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2018.

COSTA, D. C. B. **Intertextualidades em ambientes digitais**. 2024. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2024.

DEHAENE, S. **É assim que aprendemos**: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...). Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2022.

EYSENCK, M. W. **Inteligência artificial x humanos**: o que a ciência cognitiva nos ensina ao colocar frente a frente a mente humana e a IA. Michael W. Eysenck, Christine Eysenck; Trad.: Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed, 2023.

FERNANDES, C. A autoria em textos produzidos por inteligência artificial e por alunos em uma perspectiva discursiva. **Revista da Abralin**, v. 23, n. 2, p. 214-235, 2024.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a Inteligência Artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2006 [1984].

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Cortez, 2015 [2002].

KOCH, I. G. V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3ª ed. 14ª reimp. São Paulo: Contexto, 2021 [2006].

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**. 2ª ed. 6ª reimp. São Paulo: Contexto, 2021 [2009].

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, I. G. V., BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KRISTEVA, J. **La révolution du langage poétique**. Paris : Seuil, 1974.

KRISTEVA, J. (1967). A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA (1969). **Introdução à semánalise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LEE, K. **Inteligência Artificial: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos**. Trad. Marcelo Barbão. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MUNIZ-LIMA, I. **Linguística Textual e Interação Digital**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

NERI, Z. O. **Estratégias intertextuais na argumentação de redações do ENEM nota mil e de redações geradas pelo ChatGPT: um estudo comparativo**. 2026. 133f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2026.

NERI, Z. O.; BRITO, R. M. Estudos linguísticos e argumentação: o uso do repertório sociocultural a favor da construção de argumentos na redação ENEM. **Revista Gatilho**, UFJF, n. 25, 2023.

NERI, Z. O.; CARVALHO, M. A. F. Inteligência Artificial e geração de texto dissertativo-argumentativo: limites da escrita por máquinas. **Leia Escola**, v. 25, p. 256-274, 2025.

NERI, Z. O.; CARVALHO, M. A. F. Redes de implícitos entre texto-base, enunciado e alternativas: um olhar para itens da prova de linguagens do ENEM. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**. v. 33, 2024.

PAIVA, V. L. M. O. **Pesquisa: projeto, geração de dados e divulgação**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2024.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PERELMAN, C. **Tratado da argumentação: a nova retórica** / Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca; Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIÈGAY-GROS, N. **Tipologia da intertextualidade**. Intersecções – Revista sobre práticas discursivas e textuais, ano 3, n 1, São Paulo, 2010, p. 220-244.

PLANTIN, C. **A argumentação**. Christian Plantin; Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, F. S. P. **Relações intertextuais em redações do ENEM geradas por Inteligência Artificial**. 2025. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI. 2025.

VICARI, R. M. *et al.* **Inteligência Artificial na educação básica**. São Paulo: Novatec, 2023.

THOR EM DISCURSO: IDEOLOGIA, GUERRA FRIA E A PRODUÇÃO DO SUJEITO HERÓICO

Bruno Aguinaldo Feitosa¹

(UEMS/UNIFESP/NuPeQ/ASPAS/GRUPESQ)

<https://orcid.org/0000-0001-9821-9171>

RESUMO

O presente artigo analisa a constituição discursiva do sujeito Thor nas histórias em quadrinhos (HQs), considerando as condições históricas e ideológicas de sua produção durante a Guerra Fria. A pesquisa parte da Análise do Discurso de orientação francesa (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2015) para compreender como o personagem, oriundo da mitologia nórdica, é ressignificado pela indústria cultural norte-americana. Examina-se o modo como a Marvel Comics, por meio de Stan Lee e Jack Kirby, transforma o deus do trovão em um herói patriótico, representante dos valores do “sonho americano” e das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e União Soviética. O estudo discute, ainda, a censura e a influência das políticas culturais estadunidenses na construção de um discurso anticomunista que perpassa as narrativas heroicas. A análise revela que a figura de Thor opera como sujeito ideológico inscrito em uma formação discursiva marcada pelo imaginário de poder, progresso e moralidade americana, configurando-se como instrumento simbólico de

1- Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (PPGL/UNIFESP). Mestre em Letras, com ênfase na linha de pesquisa Língua, Discurso e Sociedade, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PPGL/UEMS) (2022). Graduado em Pedagogia pelo Instituto Politécnico Policamões (2021) e licenciado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) (2018). Professor de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino de Cassilândia (MS) e professor contratado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da UEMS (NuPeQ-UEMS) e membro da ASPAS - Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre Quadrinhos (Grupesp/UNIFESP). Atua nas áreas de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Análise do Discurso Francesa, Linguística Textual - Intertextualidade, Discursos, Literatura, Mitologia Nórdica, Histórias em Quadrinhos e Cultura POP. Desenvolve pesquisas relacionadas às histórias em quadrinhos como objeto de análise discursiva e cultural. Atualmente, desenvolve também o projeto da gibiteca BifrosTTecca, voltado para o incentivo à leitura e à pesquisa acadêmica sobre quadrinhos. bfeitosa739@gmail.com

legitimação cultural e política. Conclui-se que a reconfiguração do mito nórdico em um contexto capitalista evidencia a articulação entre discurso, ideologia e mídia na produção de subjetividades contemporâneas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Ideologia; Histórias em Quadrinhos; Thor; Guerra Fria.

ABSTRACT

This article analyzes the discursive constitution of the character Thor in comic books, considering the historical and ideological conditions of his production during the Cold War. The research is based on French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2015) to understand how the character, originally from Norse mythology, is re-signified by the North American culture industry. It examines how Marvel Comics, through Stan Lee and Jack Kirby, transforms the god of thunder into a patriotic hero, representing the values of the “American Dream” and the geopolitical tensions between the United States and the Soviet Union. The study also discusses censorship and the influence of U.S. cultural policies in constructing an anti-communist discourse that permeates heroic narratives. The analysis reveals that the figure of Thor operates as an ideological subject inscribed in a discursive formation marked by the imaginary of American power, progress, and morality, functioning as a symbolic instrument of cultural and political legitimation. It concludes that the reconfiguration of the Norse myth within a capitalist context highlights the articulation between discourse, ideology, and media in the production of contemporary subjectivities.

Keywords: Discourse Analysis; Ideology; Comic Books; Thor; Cold War.

1. Introdução

As histórias em quadrinhos (HQs) configuram-se como um dos mais expressivos fenômenos culturais do século XX, constituindo um espaço privilegiado de circulação de discursos, ideologias e representações sociais. Longe de se limitarem à esfera do entretenimento, as HQs funcionam como produtos simbólicos que materializam valores, crenças e modos de significar o mundo, participando ativamente da formação de identidades e da construção de imaginários coletivos. Nesse sentido, o estudo de personagens consagrados

no universo dos quadrinhos revela-se um campo fértil para compreender como o discurso atua na constituição dos sujeitos e nas formas de perpetuação da ideologia dominante.

Entre os inúmeros heróis que emergiram no contexto das grandes editoras norte-americanas, destaca-se Thor, personagem inspirado na mitologia nórdica e reconfigurado pela Marvel Comics a partir da década de 1960. O deus do trovão, reinterpretado por Stan Lee e Jack Kirby, ultrapassa a dimensão do mito escandinavo e adquire, nas histórias em quadrinhos, traços do herói patriótico estadunidense. A figura de Thor torna-se, assim, um sujeito discursivo cujos sentidos são produzidos nas condições históricas e ideológicas da Guerra Fria, período em que o imaginário coletivo era fortemente atravessado pela oposição entre capitalismo e socialismo, pela corrida armamentista e pelas disputas simbólicas de poder entre Estados Unidos e União Soviética.

Partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, especialmente das formulações de Michel Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (2015), este artigo propõe analisar a constituição discursiva do sujeito Thor nas HQs, tomando como foco as condições de produção e os efeitos de sentido que emergem do entrelaçamento entre linguagem, ideologia e história. Compreende-se, nesse contexto, que o sujeito não é origem do dizer, mas efeito das formações discursivas nas quais se inscreve. Assim, o herói das HQs é entendido como um sujeito ideológico, cuja constituição reflete e reproduz as formações imaginárias de um tempo e de uma sociedade marcadamente capitalista, imperialista e patriótica.

O interesse por esse estudo também se justifica pelo crescente reconhecimento das HQs como objetos legítimos de pesquisa acadêmica, especialmente no campo dos estudos discursivos e culturais. A análise do discurso heroico nas narrativas gráficas permite identificar como os sentidos se estabilizam e se naturalizam, produzindo evidências ideológicas que moldam o imaginário social. Desse modo, investigar o sujeito Thor significa compreender o modo como a cultura de massa norte-americana se apropria

de mitos ancestrais para reafirmar valores nacionais e legitimar práticas simbólicas de dominação.

Além disso, o contexto histórico da Guerra Fria contribuiu decisivamente para a constituição do herói moderno. As HQs desse período assumiram papel estratégico na disputa ideológica entre os blocos político-econômicos, funcionando como dispositivos de propaganda que reforçavam a ideal de liberdade, progresso e moralidade cristã, em oposição ao comunismo e às “ameaças estrangeiras”. Thor, nesse cenário, surge como metáfora do poder divino a serviço da justiça e da ordem, sintetizando o arquétipo do herói civilizador que defende a Terra e, simbolicamente, os Estados Unidos contra as forças do caos.

Diante desse panorama, o objetivo deste artigo é analisar o surgimento e a constituição discursiva do sujeito Thor nas histórias em quadrinhos, evidenciando de que modo sua representação reflete as condições ideológicas e históricas da sociedade americana nos anos 1960, a HQ que nos propomos a analisar é a Biblioteca Histórica Marvel – “O Poderoso Thor” Vol. 1, que traz as primeiras histórias do herói que foram publicadas na revista *Journey into Mystery*. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base na teoria da Análise do Discurso, articulada a referenciais da história cultural e dos estudos sobre a indústria cultural. Busca-se demonstrar que o personagem Thor, ao ser deslocado de seu contexto mitológico original para o universo das HQs, torna-se um artefato discursivo que materializa o entrelaçamento entre mito, ideologia e poder, revelando como a linguagem dos quadrinhos atua na produção de sentidos e na formação do sujeito contemporâneo.

1.1 A criação do sujeito *Thor* nas histórias em quadrinhos (HQs) e as versões sobre o seu aparecimento

Antes do personagem *Thor* surgir o pela Marvel Comics, ele aparece pela primeira vez nos quadrinhos em abril de 1940, lançado pela revista *Weird Comics #3*, pelo artista Pierce George Rice que trabalhou no período áureo

dos Comics.

Nesta edição de 1940, o título das aventuras de *Thor* era *God of Thunder*, e foi distribuída em doze páginas. Quanto ao enredo da HQ, a trama discorre sobre o sujeito *Thor* que, ao ficar entediado em Asgard, resolve, de seu palácio, escolher um mortal para atribuir seus poderes, visando atuar em seu lugar no mundo dos mortais e a lutar contra as forças do mal.

O escolhido para receber os poderes é um mortal que acaba de sofrer uma decepção amorosa, o jovem Grant Farrel, dispensado por sua namorada Glenda, alegando que o namorado não tinha um espírito aventureiro.

No silêncio de seu quarto, desolado e com pensamentos mórbidos, na mesma noite os céus literalmente caem sobre Farrel. *Thor* adentra o quarto do jovem e doa seus poderes a ele.

Figura 1: Representação do *Thor* em 1940



Fonte: Revista *Weird Comics*, 1940, p. 05, Acervo do autor.

Na década de 1940, *Thor* era representado conforme a figura 1, anterior: um sujeito magro e alto, com arquétipos norte-americanos. Essa edição (*Weird Comics* # 1, 1940) não teve grande repercussão nos EUA e foi só a partir da representação da personagem pela perspectiva autoral de Stan Lee e Jack Kirby que o personagem ganhou notabilidade.

Segundo o *site* Marvel (2025), existem duas versões sobre a criação do sujeito *Thor*, herói denominado *deus do trovão*, um dos deuses mais cultuados da mitologia nórdica. Na primeira versão, o desenhista Jack Kirby alegou que criou sozinho o personagem e teria baseado o seu visual em um

dos vikings do “Príncipe Valente”².

A segunda versão atribui a criação de *Thor* ao produtor norte-americano Stan Lee. De acordo com Stan Lee, a ideia era criar um super-herói da mitologia nórdica com características de um deus e que recebesse o nome de *Thor*. Lee queria conceber um personagem no mundo Marvel que fosse metade humano e metade deus, um herói que pudesse viver junto aos humanos e combater os crimes em Nova York. Esse herói seria forte a ponto de derrotar o poderoso Hulk³ e combater possíveis ameaças de alienígenas (Marvel, 2025).

Para a criação da HQ, Lee incumbiu o roteiro a Larry Lieber e os desenhos a Jack Kirby. A HQ de estreia foi lançada em agosto de 1962 pela revista *Journey Into Mystery*, n.83, nos Estados Unidos. Em sua primeira edição, *Thor* era conhecido como *Thor* Odinson (filho de Odin) e na Terra era chamado de Dr. Donald Blake. Desde a sua criação o personagem cativou grande número de leitores, validando a proposta de Lee ao criar um personagem “semideus” (Marvel, 2025).

Figura 2:Primeira HQ do Deus do trovão, *Thor*.



Fonte: Biblioteca Histórica Marvel, Poderoso Thor Vol 1, 2008, capa. Acervo do autor

2- Príncipe Valente, foi escrito por Hal Foster e é um dos personagens mais antigos das histórias em quadrinhos, surgiu em 13 de fevereiro de 1937. Trata-se de uma tira de aventura, nas narrativas do personagem Príncipe Valente ele lutava contra os Vikings.

3- Personagem representado pelo cientista, Dr. Robert Bruce Banner, que foi atingido por raios gama enquanto salvava um jovem durante um teste militar com bomba desenvolvida pelo Dr. Banner. Sendo exposto aos raios gamas, Bruce ganhou poderes inimagináveis e toda vez que o personagem é submetido a *stress* ele se transforma na criatura conhecida como Hulk.

De acordo com Marvel (2025), na primeira HQ publicada o deus do trovão surge na figura do pacato médico Dr. Donald Blake, vencedor de vários prêmios Nobel, que possui uma deficiência na perna e reside em Nova York. Blake gostava de ajudar os necessitados e, em um determinado dia, toma a decisão de ir para a Noruega. A cidade começa a receber um ataque alienígena após a sua chegada e Blake, com medo dá ofensiva, procura um esconderijo. A personagem encontra uma caverna, cujo local foi onde nascera. Ao chegar à caverna, ele se depara com um cajado. Curioso, Blake o empunha e uma forte intuição o faz batê-lo em uma rocha.

Com este feito, o cajado se transforma em um martelo: o *Mjölnir*. A terra treme, raios saem por toda parte e o personagem se transforma no poderoso *Thor*, sujeito conhecido como deus do trovão. Nesse momento, quando retoma sua verdadeira forma, ele se lembra de quem realmente é. Sai da caverna com toda a sua força e derrota o ataque alienígena. Para reverter o processo, tudo que *Thor* precisa fazer é bater o martelo no chão. Assim, ele assume novamente o corpo mortal do Dr. Donald Blake (Marvel, 2025).

É importante observar que ao assumir a identidade de *Thor*, o Dr. Donald Blake renuncia a sua própria identidade para assumir a do outro. O mesmo ocorre quando *Thor* bate o cajado no chão, retomando a identidade de Donald Blake. Em ambos os casos, o sujeito deixa a própria identidade em estado de suspensão para assumir a do outro, até retomá-la quando não é mais necessária.

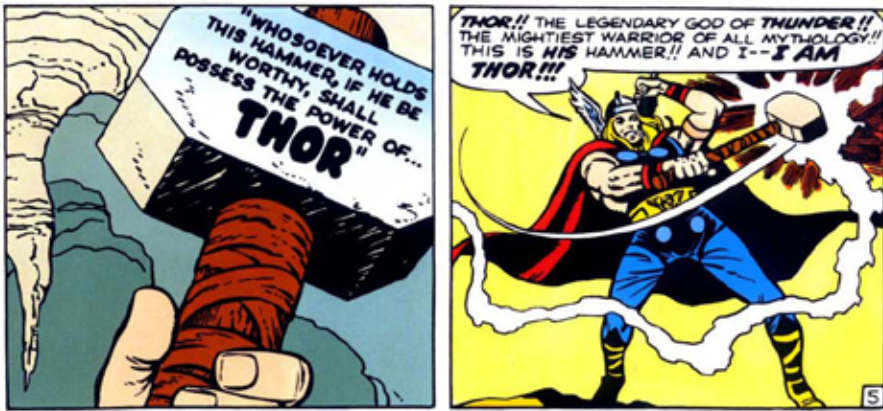
Figura 3: Dr. Donald Blake se torna *Thor*



Não foi por acaso que o Dr. Donald, assim chamado pelos mais próximos, foi passar as férias na Noruega. Na verdade, ele recebeu um estímulo subconsciente enviado por Odin, conhecido como pai de todos na mitologia nórdica (Odin é quem dá o sopro da vida e por isso é reverenciado como pai de todos. Odin é o pai de *Thor* e rei de Asgard, reino dos deuses) que tenta ensinar o filho a ser menos arrogante e orgulhoso.

Em Asgard, antes de ser enviado à Terra, *Thor* quebrou um tratado de paz que seu pai havia feito com os gigantes do gelo (*Jotun*) - seres humanoides que vivem em Jotunheim, um dos nove reinos – e quase iniciou uma guerra. *Odin* decidiu castigá-lo enviando-o à Terra para viver junto aos humanos em um corpo debilitado, para que pudesse aprender a ser um indivíduo melhor. Mas, quando a Terra sofre ameaça, Odin percebe que é o momento de fazer Dr. Blake se lembrar de quem ele realmente é (Marvel, 2025).

Figura 4: O poderoso *Thor*



Fonte: Biblioteca Histórica Marvel, Poderoso Thor Vol 1 #83, 2008, p. 12. Acervo do autor

A primeira edição da HQ do personagem *Thor* foi lançada pela revista *Journey Into Mystery* com a finalidade de contar histórias de um semideus. A revista já estava em circulação há seis anos, quando lançaram *as aventuras do poderoso Thor*. Lee não esperava que este personagem fosse tão aceito pelos leitores. A empatia foi grande e com o passar dos anos começaram a aparecer nas histórias outros personagens da mitologia nórdica, como Loki, o meio irmão de *Thor*, retratado como seu arqui-inimigo (Marvel, 2025).

Figura 5: *Thor* Vs *Loki*, na arte de Jack Kirby



Fonte: Biblioteca Histórica Marvel, Poderoso Thor Vol 1 #85, 2008, história p. 42. Acervo do autor

Após a batalha contra os alienígenas, na Noruega, *Thor* assume a forma mortal do Dr. Donald Blake e retorna para seu consultório particular em Nova York onde tem como braço direito à hábil e prestativa enfermeira Jane Foster. Os dois se apaixonam, mas Foster não sabe que o Dr. Blake tem outra identidade. *Thor* passa a ter uma vida tumultuada assumindo dupla personalidade, pois sempre tem de defender a Terra das ameaças alienígenas e lutar contra os planos ardilosos de Loki. Apesar do amor sincero entre Blake e Foster, Odin fica insatisfeito com o romance, pois não aceita que seu filho namore uma mortal, afinal ele é *Thor*, filho de Odin. Por isso, o herói retorna a Asgard seguindo a ordem de seu pai (Marvel, 2025).

Nos anos seguintes, as HQs do poderoso deus asgardiano começam a circular com suas próprias aventuras. O personagem é apresentado não mais no corpo do médico Donald Blake. Nessa fase, *Thor* passa a proteger Asgard e a Terra, pois sua mãe era a deusa Gaia (deusa da Terra).

Em todas as suas batalhas, *Thor* usa seu martelo, o *Mjöltnir*, que fora fabricado pelos anões de Asgard a pedido de Odin. Forjado com o metal “uru” (nome fictício), o martelo foi desenvolvido especialmente para *Thor*, pois apenas ele era digno de empunhá-lo. O personagem *Thor* podia voar com seu martelo e era capaz de causar grandes tempestades (Marvel, 2025).

Figura 6: Mjölfnir sendo forjado pelos anões de Nidavellir



Fonte: Marvel.com site 2025, de acervos da Marvel

Thor tem muitos aliados, tais como *Lady Sif*; o destemido *Balder*; os três guerreiros *Voltagg*, *FrاندalleHogun*; *Heindall* (o protetor da ponte do arco-íris); os *Vingadores*; *Hércules*, filho de *Zeus*; *Trovejante*; *Bill Beta Raio* e muitos outros. Entre os inimigos, destacam-se: *Loki*; o *Destruidor*; *Hela*; e *Encantador* (Marvel, 2025).

Na seção a seguir trataremos do surgimento do sujeito *Thor* nos anos da Guerra Fria, período de extrema tensão iniciado após o fim da Segunda Guerra Mundial envolvendo as superpotências - Estados Unidos e União Soviética -, assim como os aliados desses dois países.

1.2 Surgimento do herói no período da Guerra Fria

O sujeito *Thor* surgiu no século XX, nas condições de produção históricas e ideológicas da Guerra Fria (1947 – 1989).

Segundo Cardoso (2021), a denominação Guerra Fria é utilizada para designar uma situação de conflito geopolítico que envolveu duas grandes superpotências mundiais (os EUA e a URSS) e seus aliados, após o término da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, os Estados Unidos (EUA), país capitalista, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), nação socialista, centralizaram as relações políticas internacionais buscando mostrar seu poderio bélico e influência sobre o mundo.

A autora lembra que, embora não tenha acontecido um conflito

armado de fato, havia um permanente estado de tensão mundial, pois as potências mencionadas detinham a tecnologia da bomba atômica, arma que poderia destruir o planeta caso uma guerra viesse a ser deflagrada. Cada um desses países buscava provar a sua hegemonia ao resto do planeta e, para isso, usavam propagandas, investimentos em armas, tecnologias, lançando-se até mesmo à conquista do espaço, por meio da *corrida espacial*.

No ano de 1962, a tensão entre os EUA e a URSS cresceu em decorrência do episódio conhecido como “a crise dos mísseis”, acontecimento histórico em que a União Soviética (URSS), hoje conhecida como Rússia, montou uma base em Cuba, instalando mísseis nucleares soviéticos naquela ilha com a finalidade de coibir futuramente qualquer invasão americana em seu território. O impasse entre os dois países durou cerca de treze dias e desencadeou em Cuba um movimento revolucionário que derrubou o ditador cubano Fulgêncio Batista [1959], instalando no país um governo socialista liderado por Fidel Castro. (Hobsbawm, 2003, p. 169). Naquele momento, o mundo vivia então a polarização entre os blocos comunista e capitalista, liderados, respectivamente, por União Soviética (URSS) e Estados Unidos (EUA). Era a o período da Guerra Fria (Hobsbawm, 2003, p. 179).

Foram nessas condições de produção histórica que Stan Lee criou *Thor*, partindo da ideia de um herói que pudesse combater ataques comunistas. Tomando por base essa ideologia anticomunista, Stan Lee cria um personagem manco, fraco e que aparentemente não mostra causar qualquer tipo de perigo, condição física que facilita a sua entrada nas barreiras inimigas. Quando o médico, Donald Blake, se vê em perigo ele se transforma no poderoso *Thor*, o deus da mitologia nórdica, um herói tão forte que é temido pelos seus inimigos, pois sua força é incomparável e seu martelo destrói tudo que fica em seu caminho. Ao assumir a personalidade de *Thor*, Blake passa a agir e ter as mesmas emoções do deus nórdico. Torna-se forte, corajoso e impiedoso com seus inimigos (Marvel, 2025).

Na primeira edição da revista *Journey Into Mystery* (1962), na qual *Thor* é apresentado, essas características ficaram claras para o leitor. Quando sai a segunda edição, intitulada “O poderoso *Thor* VS o Executor” (1962, edição 84), Dr. Blake retorna à cidade de Nova Iorque onde volta a levar sua vida sossegada. Ele é convidado, então, a ir para a San Diablo para cuidar de pessoas doentes e, sem hesitar, sua fiel enfermeira Jane Foster pede para acompanhá-lo. Ambos embarcam em um navio e vão juntos para essa aventura (Biblioteca Histórica Marvel, 2008, p. 6).

Figura 7: Capa da segunda edição do poderoso Thor⁴



Fonte: Biblioteca Histórica Marvel, Poderoso Thor Vol 1 #84, 2008, p. 35. Acervo do autor

No meio do percurso, o navio é interceptado por aviões de guerra do líder comunista de San Diablo, o Executor. Este personagem não aceita ajuda dos Estados Unidos, porque ele prefere deixar sua população mais pobre morrer a ter que ajudá-la. Em sua visão, se a população estiver fraca não vai ter forças para lutar contra ele.

Na década de 1960, as histórias em quadrinhos sempre traziam uma crítica sobre o que estava acontecendo naquele período histórico. Por cerca

⁴ Esta edição mostra a aventura do Dr Donald Black, que vai em busca de ajudar pessoas que estão doentes, na cidade de San Diablo, mas para chegar neste local será um grande desafio ele terá que enfrentar o líder comunista deste país. Imagem extraída da HQ Biblioteca histórica Marvel: O Poderoso Thor, volume 1).